

A SEXUALIDADE ROMANA ATÉ OS TEMPOS DO NOVO TESTAMENTO

Milton L. Torres*

A epístola de São Paulo aos romanos abre com uma eloqüente condenação das práticas sexuais daquela época. Segundo o apóstolo, a idolatria generalizada que era praticada nas diversas partes do Império Romano, fez com que Deus entregasse os homens de então “à imundície para desonrarem seus corpos entre si” (cf. Ro 1:24). Paulo prossegue na descrição do que classifica como “paixões infames” (v. 26): “suas mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas, por outro contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo em si mesmos a merecida punição de seu erro” (vs. 26-27). Não obstante a descrição minuciosa que Paulo faz do quadro da sexualidade humana no Império Romano durante o período neotestamentário, certos estudiosos têm rejeitado a avaliação moral que o apóstolo faz de tal sexualidade, afirmando que ela é imprópria por não levar em consideração que os romanos existiram numa época anterior à criação do conceito de sexualidade.

Com efeito, a sexualidade é um tema novo para a discussão acadêmica entre os estudiosos da antiguidade clássica tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra. De acordo com Skinner, isso explica o fervor e o entusiasmo com que os classistas entraram recentemente no debate.¹ Nesse debate os estudiosos tem buscado uma resposta para a importante indagação: o conceito de sexualidade é uma invenção moderna ou não? Os classistas formularam a pergunta de uma forma peculiar: pode-se falar de uma época em que não existia sexualidade? Há, de fato, uma época-anterior-à-sexualidade?

Roma Antes da Sexualidade

A teoria totalizante da história da sexualidade proposta por Foucault² sugere que a sexualidade é uma invenção moderna, “uma forma de interpretar a experiência (e, portanto, um modo de a experimentar) que é apropriada a uma sociedade altamente diferenciada, industrializada e modernizada.”³ No entanto, embora sua

*Milton L. Torres é doutorando em línguas clássicas.

¹Marilyn B. Skinner, In: Judith P. Hallet & Marilyn B. Skinner (eds.), *Roman Sexualities* (1997), 6.

²De fato, a famosa obra de Foucault apresenta uma ambiciosa hipótese acerca tanto da sexualidade antiga quanto da sexualidade dos tempos modernos. Contudo, sua obra permanece insuficientemente analisada pela erudição clássica. A esse respeito, veja-se David H. J. Larmour, Paul Allen Miller & Charles Platter (eds.), *Rethinking Sexuality Foucault and Classical Antiquity* (1997).

³David Halperin, John J. Winkler and Froma I. Zeitlin (eds.), *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World*, 1990. A partir, tanto da tradição anglo-americana da antropologia cultural, quanto da tradição francesa das *sciences humaines*, esses ensaios exploram a

abordagem seja muito esclarecedora com respeito a uma compreensão das relações entre a sexualidade e o poder, sua tese implica em uma posição tão radical concernente à sexualidade que ela se torna difícil de sustentar.⁴ Foucault acredita que, com o advento de um regime victoriano, a sexualidade foi restringida e que, a partir dessa época, o sexo se tornou “um objeto de administração, gerenciamento e governo,”⁵ assim pressupondo que houve, na antigüidade, uma época-anterior-à-sexualidade.

Foucault chegou a esse posicionamento após passar por duas fases em seu estudo da sexualidade. Ele dedicou a primeira fase de suas pesquisas ao período que abrange os séculos entre a morte de Cristo e o início da Idade Média. A segunda fase foi dedicada a uma análise dos textos greco-romanos e cristãos. Seguindo de perto as conclusões de Foucault, Winkler e Halperin, por exemplo, insistem que não havia um conceito fixo de tipos sexuais na antigüidade.⁶ Para Halperin, a sexualidade é uma invenção moderna.⁷

Não obstante, apesar do esforços de Foucault para eliminar o conceito de sexualidade do mundo antigo, há algumas razões para uma rejeição de sua tese. Isso ocorre em duas linhas de pensamento. Em primeiro lugar, aquilo que Foucault considera como o elemento fundamental da sexualidade está também presente em Roma. Em segundo lugar, há alguns elementos que, embora negligenciados por Foucault, parecem evidenciar que a sexualidade desempenhava um importante papel na antiga Roma – tal papel é análogo ao que ela desempenha em nossa própria sociedade hodierna.

Evidência Contrária a uma Roma Antes da Sexualidade

A ausência de uma terminologia da sexualidade e de conceitos que correspondam diretamente aos nossos não pressupõe uma ausência de uma terminologia sexual ou mesmo de conceitos sexuais na antiga Roma. Winkler et al.

iconografia, a política, a ética, a poesia e as práticas médicas que tornaram o sexo na Grécia Antiga não um paraíso da liberação mas um local exótico dificilmente reconhecível aos visitantes do mundo moderno.

⁴Este é o lado construtivo do debate classicista entre construtivistas e essencialistas. Cf. Thomas Habinek, “The Invention of Sexuality in the World-city of Rome,” in Thomas Habinek & Alessandro Schiesaro, *The Roman Cultural Revolution* (1998), 25. A perspectiva essencialista, defendida por John Boswell, postula, por exemplo, que os romanos aceitavam a homossexualidade com entusiasmo. Cf. Amy Richlin, “Not Before Homosexuality: The Materiality of the Cinaedus and the Roman Law against Love between Men,” *The Journal of the History of Sexuality* 3 (1993), 528.

⁵B. Smart, *Michel Foucault*, 96.

⁶David Halperin, *One Hundred Years of Homosexuality* (New York: 1990), 24-7; John J. Winkler, *The Constraints of Desire* (New York: 1990), 17-44, 64-70. Richlin disse muito bem que “o motivo que subjaz aos escritos de Halperin, e que também subjaz parcialmente aos de Winkler, é ativo: romper todas as restrições impostas à sexualidade por nossa própria cultura, declarando que não são inevitáveis, mas segundo a qual muitos construtivistas sociais pensam que “já que os seres humanos construíram a sexualidade, então ela pode ser desconstruída.” C. Thomas Habinek, 24.

⁷Halperin, 24.

compreendem a sexualidade como uma linguagem social usada para definir, descrever, interpretar e lidar com toda sorte de negociação – em suma, uma nova categoria. Eles aceitam a abordagem Foucaultiana que compreende a sexualidade como um discurso. Mas se, de fato, a sexualidade é uma forma de discurso, por outro lado, há também uma metalinguagem que descreve e define a sexualidade.

A linguagem dos romanos estava impregnada com o elemento sexual (assim como a nossa). Eles mesmos eram capazes de descrever, com facilidade, o comportamento sexual que adotavam (ou que deveriam adotar) e eram ainda capazes de empregar metáforas sexuais para descrever outros aspectos da vida quotidiana. Assim, Marcial, por exemplo, aconselha que é impróprio à esposa oferecer sexo anal ao marido (12.96). Em sua esquematização rigidamente falocêntrica, os romanos empregavam três verbos distintos para a ação normativa de penetração em um orifício corporal pelo pênis. Marcial 2.47 explicita as três ações sexuais ativas possíveis a um varão: *futuere* (o ato em que o homem insere o pênis na vagina de uma mulher), *pedicare* (inserção do pênis em um orifício anal) e *irrumare* (inserção do pênis na boca de uma pessoa).⁸

Expressões tais como os *profanatum* (“boca profanada”),⁹ *clunem agitant* (“balançam o rabo”)¹⁰ e *publica via*¹¹ demonstram que os romanos, sem dúvida alguma, falavam acerca do sexo. Semelhantemente, as pessoas da época também expressavam sua opinião sobre a sexualidade de outrem como a pichação nos banheiros públicos atesta. Richlin cita a seguinte frase:

Cosmus Equitae magnus cinaedus et fellator est suris apertis (CIL 4.1825).¹²

Um outro aspecto patente da linguagem sexual romana é que ela dá conta da existência de comportamentos sexuais que se desviam do padrão comum: *cunnilinctor* (uma referência ao homem usado sexualmente por uma mulher), *cinaedus* ou *pathicus* (referências usuais ao homossexual passivo), *fellator* (designação do homem que é a parte passiva durante o sexo oral), *virago*, *tribos* ou *moecha* (designação da mulher lésbica). Os romanos não apenas falam de sua própria sexualidade como são também capazes de identificar as formas que consideram teratogênicas.

Se, então, os romanos estavam cientes quanto aos diferentes aspectos de sua sexualidade, como podemos nós negá-la? Melhor que falar acerca de uma Roma antes da sexualidade, é dizer que a sexualidade romana era organizada – ou talvez percebida – de formas diferentes dos padrões que estão presentes em nossa sociedade. A identidade sexual, por exemplo, estava tão bem estabelecida entre os romanos que Richlin pode afirmar com segurança: “As definições corriqueiras da

⁸Holt N. Parker, “The Teratogenic Grid,” in: Hallet & Skinner, *Roman Sexualities*, 48.

⁹Usada por Quintiliano em uma provável referência ao estupro oral.

¹⁰Usada por Juvenal para sugerir a homossexualidade passiva.

¹¹Usada por Plauto (*Curc.* 35-38) em referência àqueles passíveis de sofrer estupro legal.

¹²Richlin, 549. A tradução do teor indecente da declaração não convém aqui.

identidade sexual dos romanos permaneceram consistentes por um período superior a quatrocentos anos (de 200 a.C. a 200 d.C.), desde o final da República até o Alto Império.¹³ Roma apresentava um mapeamento da sexualidade que Skinner crê era uma parte de uma visão pan-Mediterrânea mais ampla, mas que, não obstante, incluía certas modificações.¹⁴ Contudo, os protocolos romanos “de gênero e de sexo eram suficientemente distintos dos protocolos da Grécia clássica e helenista para merecerem o tratamento da sexualidade romana como um sistema independente.”¹⁵

A Presença de uma Administração Foucaultiana da Sexualidade em Roma

Foucault e seus seguidores vinculam o princípio da sexualidade a sua organização como uma instituição social, um princípio rotulador universal que situa e controla indivíduos.¹⁶ Se isso é, de fato, uma definição correta de sexualidade, então pode-se argumentar que a sexualidade já estava visivelmente presente em Roma. A sociedade Romana dispunha de tantas restrições ao comportamento sexual de um indivíduo quanto a moderna sociedade ocidental (e talvez ainda mais). Vários autores sugerem isso.

Em primeiro lugar, pode-se afirmar, com confiança, que a sociedade de Roma dispunha de costumes bem estabelecidos diretamente relacionados às práticas sociais. Amy Richlin menciona alguns desses costumes em seu artigo contra a visão foucaultiana. Uma noiva deveria cortar o cabelo dos amantes¹⁷ do homem com o qual se casara recentemente a fim de encerrar sua atratividade sobre ele (cf. Marcial 3.58.31; 12.97.4; 12.49.1; Petrônio *Sat.* 27.1, 29.3, 34.4, 63.3, 70.8, 97.2). Em outra circunstância, uma prostituta experiente era chamada para participar do ritual de iniciação no qual o menino se tornava homem (*vir*). Aí, uma inspeção física da genitália do rapaz era recomendada antes que o menino pudesse ser considerado maior de idade. Da mesma forma, havia conotações patentemente sexuais na cerimônia denominada *depositio barba*, a primeira vez em que o rapaz cortava a barba (assim encerrando sua própria atividade pederástica).

Destarte, a sociedade romana dispunha de artifícios populares que serviam para regular a sexualidade. Uma cultura de temas sexuais é onipresente na metrópole. Assim, as famílias preocupavam-se com a castidade de seus rapazes (cf. Plínio *Ep.* 3.3.4; 7.24.3). Havia certo preconceito contra o uso de roupas efeminadas e espalhafatosas (Guélio 1.5; 6.12; Sêneca *Ep.* 114), ou roupas de certas cores, especialmente verde claro ou azul celeste (Marcial 3.82.5; Juvenal 2.97). Atitudes aparentemente inofensivas eram estereotipadas como evidência de homossexualidade passiva: coçar a cabeça com o dedo (Juvenal 9.133; Sêneca *Ep.*

¹³*Ibid.*, 531.

¹⁴Skinner, 4.

¹⁵*Ibid.*, 8.

¹⁶Halperin, Winkler & Zeitlin (eds.).

¹⁷O termo latino *pueri* faz referência aos rapazes que orbitavam ao redor de um varão maduro e que, muitas vezes, o satisfaziam sexualmente.

52.12; Luciano *Rhetoron Didaskalos* 11: Plutarco *Pompey* 48.7); mãos nos quadris (Juvenal 6.0.24); depilação e dança (Macróbio *Sat.* 3.14.4-8), cacocetes e impedimentos de linguagem (Marcial 10.65.10; Pérsio 1.17-18.35; Quintiliano 2.5.10-12: Juvenal 2.111). A homossexualidade passiva era tratada como doença e, contra ela, toda sorte de simpatia era receitada (Plínio *HN* 28.106; Juvenal 2.15-22, 50, 78-81). Palidez excessiva era considerada como sintoma de se ter participado em sexo oral e, portanto, não se devia beijar ou partilhar os talheres de uma pessoa pálda.¹⁸

Além disso, a sociedade romana contava com uma retórica da condenação sexual. Suetônio cita a declaração de Cúrio de que César era “o marido de toda mulher e a mulher de todo marido.” Ele também descreve as preferências sexuais de outros romanos eminentes; Cláudio, Augusto, Galba, Nero, Calígula, Nerva, Domiciano, etc. De forma semelhante, Cícero acusa Clódio de homossexualismo passivo adulto (*Har. Resp.* 42). Uma retórica da sexualidade era muito importante em Roma uma vez que o sexo “se relacionava intimamente com as questões de legitimidade, de alianças entre clãs e dos privilégios masculinos.”¹⁹

A sociedade da época contava com rituais religiosos a fim de regular o comportamento sexual, como é o caso de se convocar um *haruspex*²⁰ para expurgar a impureza sexual de uma pessoa (cf. Juvenal 2.121). A verdade é que a literatura romana era um meio de se moldar uma certa perspectiva social do sexo que, por sua vez, era um meio de se moldar a literatura romana. A versão ovidiana da carreira amorosa de Safo, por exemplo, implica que “o homoerotismo feminino” seria “uma conduta perversa radicalmente em conflito com a natureza.”²¹

A sociedade romana chegou a exercer um controle oficial sobre o comportamento sexual. Chegou-se a criar uma legislação específica concernente à conduta sexual, como, por exemplo, a Lei Escantínia (que regulamentava a penetração sexual) e a Lei Júlia (que fez do adultério um crime e regulamentou o assassinio da mulher e de seu amante em *flagrante delicto*). Isso é ainda mais relevante se compreendermos que a legislação romana era marcadamente baseada no costume.²² Além disso, pretores e censores exerciam uma cuidadosa vigilância com respeito ao comportamento sexual. Aqueles que eram considerados *infames* eram suscetíveis de incorrer em penas severas: restrição quanto aos cargos públicos por

¹⁸Cf. Richlin, 550-2.

¹⁹Habinek, 27.

²⁰Um experiente intérprete de presságios (relâmpagos, pássaros, etc.).

²¹Skinner, 21.

²²Os primeiros legisladores romanos foram os pontífices, que eram a autoridade máxima de uma lei não escrita. A primeira mudança drástica ocorreu depois do conflito entre patrícios e plebeus quando os plebeus exigiram a codificação de leis. Daí surgiram as chamadas doze Tábuas. A lei sagrada continua sob a alçada dos pontífices e não se mistura com a lei civil (os romanos não se dispunham a alterar aquilo que consideravam como tendo sido estabelecido pelos deuses). O costume influencia na interpretação da lei; a lei pode não se referir a ele, mas, em última instância, é o costume que funciona como um elemento norteador. Para uma visão que contraria essa perspectiva, veja-se Alan Watson, *The Spirit of Roman Law* (Athens: 1995).

ele ocupados, remoção do *album iudicum* (a lista de homens que podiam ser indicados para a função de jurado em um processo jurídico), expulsão do exército e da corte. Os *infames* podiam, ainda por cima, se tornar *intestabilis*, perdendo o direito de testemunhar em um processo de testamento ou, até mesmo, de fazer o seu próprio testamento. David Cohen argumenta que “a legislação moral augustana” foi nada mais do que uma “apropriação massiça e deliberada, por parte do estado, de uma nova esfera regulamentar: o casamento, o divórcio e a sexualidade.”²³ Tal legislação teve o efeito de retirar a conduta sexual do contexto familiar e a transferir para a esfera pública.

A conclusão inevitável é que os romanos não existiram antes da criação da sexualidade. De fato, “um homem, em sua vida pública, estava sob constante ataque.”²⁴ As restrições sociais sobre o sexo (conquanto diferentes) operavam naquela época conforme operam hoje.

Qual é o Sentido Mais Saliente da “Sexualidade”?

A sexualidade romana era multifaceada. E, por essa razão é melhor falarmos em termos de sexualidades romanas.²⁵ Entretanto, uma característica permanece como válida para todos os seus aspectos: a sexualidade é socialmente relevante. Essa é talvez a marca mais conspícua da sexualidade humana e é justamente isso que aproxima todas as nossas sexualidades. Só nos cabem duas alternativas, aqui: ou dizemos que não havia uma Roma antes da sexualidade ou, então, teremos que encontrar uma nova definição para a sexualidade na sociedade atual. A sexualidade romana e a moderna sexualidade ocidental são duas facetas de um mesmo fenômeno socialmente construído e inexoravelmente determinado por forças sociais e biológicas.

Com efeito, minha principal objeção à abordagem foucaultiana não é que a sexualidade seja socialmente construída, mas que tal construção social possa ser deliberada e coincidentemente conduzida.

Houve, Então, uma Roma Depois da Sexualidade?

A sexualidade não é um fenômeno homogêneo. Ela não é uniforme. A sexualidade não permanece a mesma por um período longo – e às vezes até curto. Isso explica por que ela é percebida de modos distintos por pessoas diferentes. Habinek mostra, por exemplo, que enquanto Catulo entendia o sexo como parte de uma rede de relações políticas, econômicas, regionais e afetivas; Ovídio tinha uma

²³Citado por Habinek, 28-9.

²⁴Parker, 59.

²⁵Como o faziam Hallet e Skinner.

visão inteiramente diferente.²⁶ Psicologias individuais distintas e contextos sociais diferentes explicam essa divergência.

A sexualidade humana sempre foi um fluxo. As mudanças observadas na conduta sexual do homem através dos séculos levaram alguns estudiosos a supor que houve um tempo em que a sexualidade não existia. Chega-se a prever que haverá um tempo em que a sexualidade deixará de existir. Eu gostaria de sugerir que a explicação que Miligan dá para sua deficiência de perceber a operação da sexualidade no mundo antigo também serve para dar conta da razão por que não conseguem perceber o papel a ser desempenhado pela sexualidade em sociedades futuras. Redes de forças sociais têm sido responsáveis pela articulação da sexualidade em diferentes sociedades e não há razão para supormos que tais redes tornar-se-ão obsoletas. A sexualidade humana será diferente em sociedades futuras, mas persistirá.

Por outro lado, pode-se dizer que houve uma Roma depois da sexualidade? Isto é, houve um tempo quando os romanos se tornaram cientes de sua sexualidade e, portanto, engendraram tal conceito em sua sociedade? Qual teria sido o agente responsável pela criação de tal conceito? A legislação moral de Augusto? Os discursos moralizantes de Cícero e Catão? Impossível de dizer! Esses esforços e tentativas de tornar um tipo de moralidade a norma para o cidadão comum não foram de fato, rupturas com a tradição. Não se trata da invenção da sexualidade, mas apenas de sua manipulação a fim de se privilegiar uma certa ideologia e torná-la prevalecente.

Quanto à questão se os romanos criaram a sexualidade, pode-se dizer que não a criaram, mas que cresceram a ela seus gostos e preferências. Os romanos não criaram a sexualidade – o que eles criaram foi a sexualidade romana.

²⁶Habinek, 27-8.